

POR
Décio Galina

FOTOS
Rodrigo Marques

VEM DANÇAR COMIGO

Depois de um acidente que lhe tirou a perna esquerda, Paola Antonini mostra que é necessário seguir em frente, com passos cada vez mais firmes, e encoraja os usuários de prótese a mostrar seu corpo e romper com qualquer tipo de limitação

Estirada no chão, Paola não consegue se levantar. Lúcida, percebe a gravidade da situação no olhar de pavor das pessoas para a sua perna esquerda. Ela tinha acabado de ser esmagada por um carro desgovernado, conduzido por uma motorista alcoolizada. Segundos antes, ao lado do namorado, Arthur, Paola coloca a última bolsa no bagageiro. São 5 da manhã do domingo, dia 27 de dezembro de 2014. O casal mineiro quer pegar cedo a estrada em Belo Horizonte para aproveitar ao máximo o Réveillon em Búzios (RJ). Fim de ano especial: além de ser o primeiro que passam como namorados, a estudante de 20 anos celebra a entrada na faculdade dos sonhos, jornalismo. “Antes de o carro me pegar, ele bateu no meio-fio. Nós dois ouvimos o barulho e pulamos; raspou e machucou um pouco uma perna do Arthur. Consegui salvar uma perna, mas sei que podia ter ficado sem as duas. Tem gente que fala que não sente dor na hora, mas eu senti muita. Foi chocante. Quando meus pais desceram para ver o que aconteceu, pedi para eles não olharem a minha perna, pois sabia que estava feio. A ambulância demorou 50 minutos.”

Após 14 horas de cirurgia no hospital João XXIII, uma médica pergunta se Paola Antonini França Costa concordaria em amputar parte da perna. “De jeito nenhum, eu disse. Na manhã seguinte, minha mãe me contou que eu já tinha sido amputada do joelho para baixo. Minha primeira reação foi perguntar ‘por quê?’. Ela respondeu: ‘Tentaram de tudo’. E eu disse: ‘Tá bom. Ainda bem que estou viva’. Movida por uma força inexplicável, não fiquei triste, não chorei. Pensaram que ia passar um tempo e só aí cairia a ficha, mas não aconteceu. Sou grata por não ter morrido.”

O que poderia ser um motivo de lamentação e depressão profunda virou um propósito de existência: Paola decidiu viver mais intensamente, experimentar coisas novas (de pratos de comida a atividades físicas) quase diariamente e mostrar uma rotina sem limitações através das redes so-

ciais - tudo para inspirar amputados e deficientes físicos a não camuflar corpo e prótese (“adoro minha perninha cinza”, brinca entre sorrisos). A forma sincera com que se expôs e o discurso aliado à prática rapidamente transformaram Paola em uma influenciadora digital. Antes do acidente, ela tinha pouco mais de 13 mil seguidores no Instagram; no dia seguinte, o número saltou para 17 mil e, neste último 24 de agosto, já tinha batido a casa de 1,5 milhão de fãs: 1.590.128 - sem contar o canal do YouTube com 181 mil inscritos. Tal sucesso atraiu a atenção de marcas, que passaram a contratar Paola como embaixadora. Só este ano, de acordos fixos, ela fechou com The Body Shop, Nissan, L’Oréal e Össur, fabricante islandesa de próteses. O parceiro mais antigo é do ano passado: Under Armour (veja box na pág. 93).

O MUNDO É LOGO ALI

Os compromissos profissionais estão fazendo com que a mineira rode o mundo. Em 2017, já esteve na Califórnia, Austrália, África do Sul, Holanda e Baltimore, nos EUA. “Para valer a pena ficar tanto tempo longe da família e de casa, quero ajudar cada vez mais pessoas. Vou trabalhar muito, juntar dinheiro e pegar uma parte dele para doar próteses para quem precisa”, explica a influenciadora. “Um dos meus projetos mais urgentes é montar uma instituição para doação de boas próteses. As distribuídas pelo governo [SUS - Sistema Único de Saúde] são ruins; machucam. Em vez de devolver a qualidade de vida ao amputado, elas desencorajam as pessoas a usá-las. E eu vejo como a minha rotina é normal e consigo tudo sozinha. Quero que outras pessoas tenham essa chance também.”

Com tanta coisa no radar, Paola preferiu trancar a faculdade de jornalismo em outubro do ano passado, mas não desistiu da ideia de retomar o curso e ser apresentadora de telejornal. Entre os seus sonhos, a maternidade encabeça a lista. “No começo eu queria ser mãe nova, minha mãe me teve



CAMIBETA AGERVO, SHORT-SAIA ANDREA BOGOSIAN, JOIAS ARON & HIRSCH



1



2



3

com 25, mas agora não... Decidi esperar. Vou viver muito minha vida antes”, compara Paola. Além de engravidar, ela deseja adotar. Ainda a longo prazo, escrever um livro também está nos planos.

“EU QUERO ANDAR”

Acostumado às lamúrias de histórias como essa, o protesista e fisioterapeuta Fabrício Daniel de Lima, 40, diretor do Instituto de Prótese e Órtese (IPO), em Belo Horizonte, se impressionou com a postura realista-otimista de Paola desde o primeiro contato. “Ela entrou no consultório dizendo ‘eu quero andar’. Paola nunca se queixou da amputação, nem chorou no consultório. Aceitou a prótese com tanta facilidade que andou no mesmo dia – normalmente a adaptação demora de 15 a 20. Em uma semana, estava desfilando.” Paola já desfilou quatro vezes – todas após o acidente. “Não sou modelo. Era uma estudante na época do acidente. Tinha feito uma ou outra foto, mas nunca quis

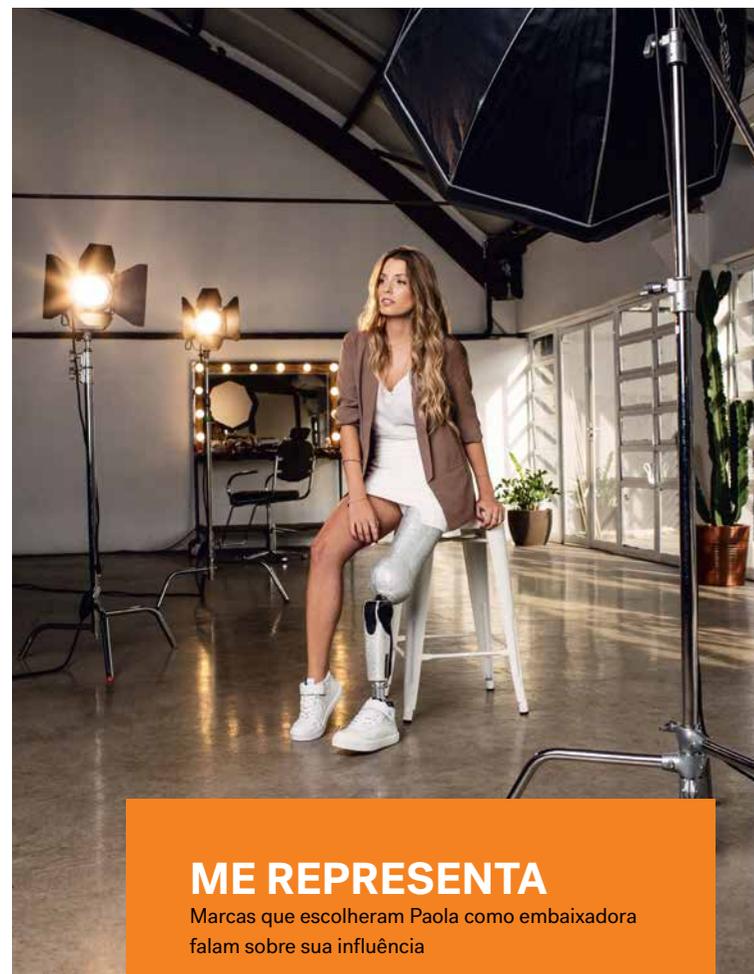
desfilar, nem altura tenho para isso [1,61 metro; 46 quilos].” Fabrício comenta que a atuação de Paola nas redes sociais já alterou a relação de diversos amputados com seus corpos. Depois das fotos de biquíni que postou [com mais de 70 mil likes cada uma], muitas pessoas passaram a não esconder a amputação. “Se Roberto Carlos, que usa uma desde criança, tivesse feito metade do que a Paola já fez, o padrão das próteses hoje no país seria bem melhor”, acredita. Ainda de acordo com Fabrício, transformar esse assunto em uma pauta nacional é capaz de mudar a situação de quem usa prótese no Brasil. “As peças distribuídas pelo SUS podem demorar mais de seis meses para chegar, o que dificulta a adaptação, já que o corpo sofre alteração de peso nesse período. O índice de abandono de prótese no sistema público é de 80%.”

Paola tem três próteses. Esta das fotos, com joelho biónico e pé compatível a salto alto (avaliada em R\$ 120 mil), usada para subir degraus, pedalar,

1. Na piscina aos 6 meses, em Lagoa Santa, em Minas

2. Praticando ginástica olímpica aos 10 anos, no Minas Tênis Clube

3. Com o irmão Antonio Tadeu, aos 7 anos, em Porto Seguro, na Bahia



ME REPRESENTA

Marcas que escolheram Paola como embaixadora falam sobre sua influência

“Nossa missão é a democratização da beleza e, para isso, é essencial contar com perfis diferentes. Além de sua história de superação, a beleza e o discurso de Paola têm muito a ver com o espírito de L’Oréal Paris.” **Renata Guberfain, gerente de produto L’Oréal Paris**

“A Paola é uma verdadeira inspiração por sua história de vida e garra diante das adversidades. Mesmo não sendo uma atleta profissional, ela também usa o esporte para inspirar as pessoas a lutar contra todas as dificuldades.” **Thaiany Assad, head de marketing da Under Armour Brasil**

“Paola não se penalizou com o que aconteceu e se transformou em um exemplo de superação. Ela mostra que o ser humano é capaz de vencer os obstáculos e guiar sua vida.” **Humberto Gomez, diretor de marketing da Nissan do Brasil**

BLAZER FOREVER 21, CAMISETA ACERVO. SHORT-SAIA ANDREA BOGOSIAN. JOIAS ARON & HIRSCH, TENIS FIEVER

“Movida por uma força inexplicável, não fiquei triste. Sou grata por não ter morrido”

dançar e dirigir (ela tirou nova carta depois do acidente); uma de corrida de última geração (R\$ 40 mil); e outra para entrar na água (R\$ 30 mil) – um dos momentos mais marcantes da adaptação à prótese aconteceu dia 23 de março de 2015, na Praia de Ipanema, no Rio. De mãos dadas com Arthur, caminhou rumo à água e, mesmo tropeçando muito na areia, Paola garante que levará para sempre a sensação das ondas na pele e do balanço do mar.

“EU QUERO DANÇAR”

Grande parte da agenda da influenciadora quando está em Belo Horizonte é responder os comentários nas redes, visitar pacientes recém-amputados para incentivá-los a encarar o momento como o recomeço da vida – e não o fim – e fazer doação de próteses. A vendedora Andréa Duarte, 37, mãe de duas gêmeas de 9, é um exemplo. Ao saber que Andréa perdeu a perna esmagada por um muro, durante um deslizamento de terra, para salvar um cachorro (que nada sofreu), Paola envolveu Fabrício em uma parceria para arcar com o tratamento e a colocação da prótese. “Foi Paola que me deixou em pé de novo. Ela me fez ter vontade de retomar uma vida normal, em uma sociedade que olha o amputado e o deficiente com tanto preconceito. Se ela consegue, por que eu não poderia?”, pondera Andréa.

A rotina de Paola em casa, com os pais (a empresária Diva Maria, 48, e o engenheiro Antonio Tadeu, 61, casados há 24 anos) e os irmãos mais novos (Antonio Tadeu, 21, e Cristiano, 15), tem um vício assumido: assistir a séries. “Não durmo antes da meia-noite. Às vezes, embalo até as 3 da manhã”, confessa a fã de *Game of thrones*, *Homeland*, *Narcos*, entre (muitas) outras. Gosta de dormir; quando pode, estica até as 9 horas. No café da manhã, segue a cartilha mineira: café, pão de queijo e tapioca. Uma garrafa de água de coco está sempre à mão – pelo menos 1 litro por dia. A jovem, que já teve picanha como prato favorito, há poucos meses abraçou o vegetarianismo – só fal-



1



2

1. Com a família na festa de debutante, em 2009

2. Ao lado do namorado, Arthur, na Table Mountain, África do Sul



ta cortar o peixe. “Amo abacate, pizza marguerita, risoto e o camarão na moranga que minha mãe faz.” Apaixonada por animais, Paola também se derrete ao falar dos cães de estimação da raça Shih Tzu, Bud e Lola, que moram em BH, e do Dante, vira-lata atropelado ano passado, em frente ao seu prédio, resgatado, cuidado e levado para o sítio da família em Lagoa Santa, perto da capital.

Na hora de passear, um programa é de lei: cinema às sextas com o namorado, Arthur Magalhães dos Santos, estudante de direito, 24 anos. Ele conta que a primeira vez que ficaram foi na danceteria Chalezinho. “Eu acompanhava um amigo e ela uma amiga. Paola começou a me pedir para puxá-la sempre que alguém aparecia para paquerá-la. Teve uma hora que cansei de fazer esse papel e ela ficou brava! Bom, aí ficamos...”. Arthur confessa que se encantou com a postura da namorada após o acidente. “Até ali eu gostava dela; depois, passei a admirar.” Do momento da batida, o rapaz lembra que Paola fez a diferença. “Eu estava revoltado. A motorista que bateu em nós gritava apavorada e a Paola, deitada no chão, tranquilizava todo mundo e dizia o que precisávamos fazer.”

Mesmo sem praticar esportes com regularidade (na infância e juventude fez ginástica olímpica e tênis), Paola ganhou destaque nos Jogos Paralímpicos do Rio, ano passado. “Eu estava lá trabalhando para a divulgação de algumas marcas que me patrocinam. Daí começou a sair nos jornais que eu era musa dos Jogos.” O desejo de viver ainda mais intensamente após o Réveillon de 2015 encorajou a moça a se aventurar no parapente e no surf: “Fiquei em pé na prancha pela primeira vez na Califórnia há poucas semanas!”. O esforço agora é conseguir dançar diversos ritmos na academia aberta pela mãe há

ASSISTENTES ERICK DINIZ E PEDRO LINS / BELEZA OMAR BERGEA / STYLING LUNA NIGRO / LOOK BODY A NIEMEYER, SAIA TRYA, ANÉIS EPIPHANIE, BRINCO, COLARES E PULSEIRAS ARON & HIRSCH

BODY FRAMED, TOP A NIEMEYER, SHORT-SAIA SOPHIA HEGG, JOIAS ARON & HIRSCH, SANDÁLIA SCHÜTZ



A BH DE PAOLA

O circuito da modelo na capital mineira

QUER DANÇAR COMIGO?

“Tenho ido quase diariamente à academia da mãe, a Dance Gallery. Tem aulas de diversos ritmos, como bolero, tango e forró, além de grupos de dança.”

Tel.: (31) 3656-7717.

HORA DA PIZZA

“Adoro pizza e indico dois lugares: Marília Pizzeria [Tel.: (31) 3275-2027] e Olegário [Tel.: (31) 3337-44460].”

TIM-TIM

“Não bebo quase nada, mas o Gastropub aberto pela Wäls [premiada cervejaria de BH] é um lugar muito bacana.”

Tel.: (31) 3582-5628.

PÉ NO PEDAL

“Demorei para aprender a andar de bicicleta: só aos 19 anos, em volta da lagoa da Pampulha [onde estão construções icônicas de Oscar Niemeyer, como a igreja São Francisco].”

QUE TAL UM JAPA?

“Gosto do Engenheiros do Açaí, que também tem um delivery muito bom. Fazem comida japonesa e pizza.”

Tel.: (31) 2512-5412.



cinco meses, a Dance Gallery. “Resolvi abri-la pois vi o bem que a dança estava fazendo para a recuperação da Paola. Sua reação diante de um acidente tão grave mexeu com todos nós. Ela é um exemplo de que nada é impossível, e que as limitações estão em nossa cabeça”, afirma Diva. “A dança é uma forma de me desligar da prótese, você é obrigado a esquecer de tudo para deixar o corpo fluir”, arremata a filha.

Tatuagem também está nesse pacote de novidades: já são dez. Tem cruz, âncora, filtro de sonhos, frases, palavras como “resiliência”, “gratidão” e “coragem”. Essa última aparece no punho, perto de outro desenho que mostra um tracejado e um avião. “Engraçado que depois do que aconteceu passei a ter medos que não tinha antes, como altura e avião. Se vou voar no sábado, na quarta já começo a pensar no voo. Mas não tomo remédio: prefiro enfrentar, tenho força pra isso. Se tem algo difícil de ouvir é: ‘ah, tadinha dela...’. Ninguém precisa ter dó de mim. Estou ótima. Tadinha, não.”